



# **EPISTOLA PAULINAS I**



***SEMEADOR***

**Niterói, 2005**

**Seminário Evangélico para o  
Aperfeiçoamento de Discípulos  
e Obreiros do Reino - SEMEADOR**

**Supervisão Editorial:**  
Pr. Luiz Cláudio Flório

**Projeto Gráfico,  
Edição e Impressão:**  
Mídia Express Comunicação

Todos os direitos reservados

**Comunidade Cristã  
Jesus para o Mundo**



# Apresentação

**E**ste livro foi escrito pela equipe de redatores do Seminário Evangélico Para o Aperfeiçoamento de Discípulos e Obreiros do Reino - SEMEADOR com base em fundamentos recolhidos de várias fontes: autores cristãos reconhecidamente inspirados por Deus, estudos aceitos e adotados por outros seminários evangélicos de prestígio e, acima de tudo, a visão específica que o Espírito Santo tem atribuído ao ministério da Comunidade Cristã Jesus Para o Mundo.

Por se tratar de conteúdo bíblico, o assunto aqui tratado não se esgota, em nosso entendimento, nas páginas deste ou de qualquer outro livro. Cremos no poder revelador da Palavra de Deus, que nos oferece novas induções a cada releitura. Por isso, o objetivo maior do SEMEADOR não se limita ao estudo teológico, mas sim em trazer a presença de Deus e a Palavra *Rhema* na vida de discípulos e obreiros que queiram um verdadeiro compromisso com o Seu Reino.

A Bíblia e a presença de Deus são, portanto, requisitos indispensáveis para os alunos do SEMEADOR, tanto no estudo deste livro como durante as aulas.

“Não to mandei eu? Esforça-te, e tem bom ânimo; não te atemorizes, nem te espantes; porque o Senhor teu Deus está contigo, por onde quer que andares.” Josué 1:9

**Equipe de Redação**



# Índice

Capítulo 1	
<b>Livro de Romanos (1 a 5)</b>	7
A condenação e a justificação	
Capítulo 2	
<b>Livro de Romanos (6 a 8)</b>	21
A santificação: a concretização da justiça de Deus	
Capítulo 3	
<b>Livro de Romanos (9 a 16)</b>	33
A dispensação de Israel e exortações finais	
Capítulo 4	
<b>Livro de Gálatas</b>	45
A liberdade crítica	
Bibliografia	59
Resposta dos Exercícios	60
Programa Curricular	61



Epistola Paulinas I



**CAPÍTULO 1**



Livro de Romanos  
(1 a 5)





# A Condenação e a Justificação (Rm. 1-5)

**A** Epístola aos Romanos já estava incluída nas principais coleções de livros do Novo Testamento, considerados canônicos. A própria Bíblia, conforme a segunda epístola de Pedro (3:15,17), ao citar Romanos 2:4, prova a canonicidade deste livro, quando lhe chama de “Escritura”. Esse é o mais antigo pronunciamento que temos quanto à canonicidade de qualquer dos livros do Novo Testamento.

Os mais famosos líderes da igreja antiga, como: Clemente, de Roma; Inácio, de Antioquia; e Policarpo, de Esmirna, tiveram a Epístola aos Romanos citada em seus escritos, como prova incontestável de sua canonicidade.

## O AUTOR

Romanos é a epístola de Paulo, mais longa, mais teológica e mais influente. Paulo, ao escrever esta epístola, perto do fim da sua terceira viagem missionária, estava em Corinto como hóspede na casa de Gaio. Enquanto escrevia Romanos através de seu auxiliar Tércio, planejava voltar a Jerusalém para o Dia de Pentecostes (provavelmente por volta de 57 ou 58 d.C.) e entregar pessoalmente uma oferta de socorro das igrejas gentias aos crentes pobres.

Logo a seguir, ele esperava ir a Espanha levando o evangelho, visitar de passagem a igreja de Roma e receber ajuda dos crentes ali para prosseguir em sua caminhada para o oeste.

## TEMA

O tema central de Romanos é a revelação da justiça de Deus ao homem e a aplicação desta à sua necessidade espiritual. Ele pode ser mais bem compreendido através de Romanos 1:16,17, que pode ser enunciado da seguinte maneira: O Evangelho é o poder de Deus para a salvação dos homens, porque demonstra como a posição e a condição dos pecadores pode ser alterada de tal modo que fiquem reconciliados com Deus.

O apóstolo inspirado descreve o tipo de justiça que é aceitável a Deus, de tal maneira que o homem, ao possuí-la, é considerado “justo” aos olhos de Deus. É a justiça que resulta da fé em Cristo. Essa doutrina da Justiça de Deus, é primeiramente declarada e depois ilustrada neste livro, como veremos posteriormente com mais detalhes.

## A IGREJA EM ROMA

Como esta epístola foi escrita para os romanos não poderíamos deixar de comentar sobre a igreja em Roma. A história eclesiástica não registra o nome do fundador desta igreja. Existem tradições que vinculam a origem aos nomes dos apóstolos Pedro e Paulo. De modo contrário à tradição católica romana, a igreja de Roma não foi fundada por Pedro, nem por qualquer outro apóstolo.

Ela provavelmente foi iniciada por convertidos de Paulo provenientes da Macedônia e da Ásia, bem como pelos judeus e prosélitos convertidos no dia de Pentecostes. Nesta epístola Paulo afirma que muitas vezes planejou ir até Roma para ali pregar o evangelho, mas que, até então fora impedido (Rm 1:13-15).

## SAUDAÇÕES INICIAIS (Rm 1:1-17)

Paulo inicia a epístola aos Romanos se identificando; depois fala sobre o caráter do “servo de Jesus Cristo”; dá seu testemunho e motiva o evangelismo. “*Paulo, servo de Jesus Cristo, chamado para ser apóstolo, separado para o evangelho de Deus,...*” (Rm 1:1). Vejamos ponto a ponto esta saudação instrutiva de Romanos.

Primeiro o apóstolo se identifica: *servo de Jesus Cristo*. Paulo é notável como judeu, como cidadão romano, como cristão, missionário, pio-

neiro do cristianismo, pensador e escritor. Tudo isso porque se fez servo. A força do termo grego é escravo, propriedade do Senhor Jesus. Segundo, *ele fala do seu chamado*. Afirma o sentido sobrenatural de seu chamado, que não é da parte de homem, mas de Deus. É mensageiro divinamente credenciado. Terceiro: *“separado para o evangelho”*. Aqui está a procedência divina do evangelho. Paulo é apenas porta-voz de um recado que provém de seu Senhor. Separado, antes, para o farisaísmo; agora, porém, para o cristianismo. Como bom fariseu, afastava-se do povo, orientado por escrúpulos próprios de uma religiosidade exclusivista. Como cristão, afastava-se dos padrões de fé e conduta próprios do incrédulo e perseguidor Saulo de Tarso. Tanto fariseu como santo tinham a idéia de separação, mas os motivos eram diferentes. Os fariseus se separavam até do Filho de Deus, e confundiam santidade com superstição e fanatismo.

Por fim ele endereça a sua carta: *“a todos os que estais em Roma”* (v.7). Sendo o ponto de encontro das nações da época, Roma era lugar estratégico para um contato, para disseminação do Evangelho. Ainda na saudação, vejamos como o texto adorna o caráter desse “servo de Jesus Cristo” (Rm 1:8-15).

Primeiro: *reconhece o testemunho dos crentes* – *“Primeiramente dou graças ao meu Deus, mediante Jesus Cristo, por todos vós, porque em todo o mundo é anunciada a vossa fé”* (1: 8). Reconhecimento aos crentes, mas gratidão a Deus, por Cristo, fonte de toda graça. Segundo: *intercede pelos crentes* – *“Pois Deus, a quem sirvo em meu espírito, no evangelho de seu Filho, me é testemunha de como incessantemente faço menção de vós,...”* (1:9). A oração intercessória tem o calor da solidariedade; do interesse pelo outro. Terceiro: *planeja visitar os crentes* – *“...Pedindo sempre em minhas orações que, afinal, pela vontade de Deus, se me ofereça boa ocasião para ir ter convosco. Porque desejo muito ver-vos, para vos comunicar algum dom espiritual, a fim de que sejais fortalecidos; isto é, para que juntamente convosco eu seja consolado em vós pela fé mútua, vossa e minha. E não quero que ignoreis, irmãos, que muitas vezes propus visitar-vos (mas até agora tenho sido impedido), para conseguir algum fruto entre vós, como também entre os demais gentios”* (1:10-13). Perceba a finalidade da visita de Paulo. Há benefícios para quem visita e para quem é visitado. E quarto: *está cômulo de sua missão* - *“Eu sou devedor, tanto a gregos como a bárbaros, tanto a sábios como a ignorantes”* (1:14). Missão de

pregador do Evangelho de Deus. Paulo se considera devedor a pessoas instruídas (gregos) e não instruídas (bárbaros), pois o Evangelho é para todos. Ele quer dar frutos no seu ministério e mostra disposição para a obra. *“De modo que, quanto está em mim, estou pronto para anunciar o evangelho também a vós que estais em Roma”* (1:15).

Paulo termina sua saudação aos romanos afirmando: *“Porque não me envergonho do evangelho, pois é o poder de Deus para salvação de todo aquele que crê; primeiro do judeu, e também do grego. Porque no evangelho é revelada, de fé em fé, a justiça de Deus, como está escrito: Mas o justo viverá da fé”* (1:16,17). Para Paulo o evangelho “é o poder de Deus para a salvação” de todos os que crêem em Jesus. O meio que Deus escolheu para o homem foi a fé, o qual é um dom de Deus. E, “O justo viverá da fé”, não significa só o que as pessoas dizem comumente: “estou vivendo pela fé”, mas que a sua vida é resultado da fé em Jesus Cristo.

## **A CONDENAÇÃO: O HOMEM PRECISA DA JUSTIÇA DE DEUS (1:18 a 3:20)**

Paulo começa a explicação do evangelho descrevendo como o homem tem tentado conseguir uma justiça pelo esforço próprio. Ele conclui que é inútil, pois todos os caminhos têm levado o homem à ira de Deus. É a ira sobre a injustiça e à tentativa de justificar-se pela Lei. Paulo defende e expõe a verdade de que a justiça de Deus se revela por meio de Cristo.

*“Pois do céu é revelada a ira de Deus contra toda a impiedade e injustiça dos homens que detêm a verdade em injustiça”* (1:18). A ira de Deus é uma expressão da sua justiça e do seu amor. É a indignação pessoal de Deus e sua reação imutável diante de todo o pecado causado pelo comportamento iníquo do ser humano e nações, e pela apostasia e infidelidade do seu povo.

No passado, a ira de Deus e seu ódio ao pecado revelaram-se através do dilúvio, da fome e da peste, do abrasamento da terra, da dispersão do seu povo etc. No presente, a ira de Deus é vista quando Ele entrega os ímpios à imundícia e às vis paixões e leva à ruína e à morte todos quantos persistem em não obedecê-LO. No futuro, a ira de Deus incluirá a Grande

Tribulação para os ímpios e um dia de juízo para todos os povos e nações. Deus é justo e bom, e dará a cada pessoa a recompensa que os seus atos merecem. A Sua ira contra o pecado não é irracional ou injusta, porque Ele é santo; Ele é por natureza contra toda e qualquer espécie de pecado.

Paulo continua falando sobre os gentios pagãos que se tornaram culpados e idólatras, exatamente por rejeitarem a Revelação de Deus e que por isso estavam experimentando a ira do Senhor. A Revelação de Deus, é dada a todos os homens e vem de duas fontes de conhecimento, desde o princípio do mundo: da consciência e da natureza. *“Porquanto, o que de Deus se pode conhecer, neles se manifesta, porque Deus lho manifestou. Pois os seus atributos invisíveis, o seu eterno poder e divindade, são claramente vistos desde a criação do mundo, sendo percebidos mediante as coisas criadas, de modo que eles são inescusáveis;...”* (1:19,20).

Embora, Paulo descreva, dos versículos 21 ao 28, deste mesmo capítulo, a depravação cada vez pior entre os ímpios, esses mesmos versículos apontam os princípios porque um dos pecados principais dos líderes cristãos, que caem, é a imoralidade. Paulo fala sobre o orgulho, a mentira, a busca da honra e exaltação para si mesmo, a impureza sexual e outros pecados que o homem se entregou, e, que, caso não voltem arrependidos, serão controlados por uma mente pervertida.

Tais pessoas geralmente prosseguem na prática do pecado, enquanto justificam seus próprios atos como sendo fraquezas humanas comum, persuadindo a si mesmos que ainda estão em comunhão com o Espírito Santo e no gozo da salvação. Fecham os seus olhos à advertência bíblica de que *“nenhum fornicador, ou impuro... tem herança no Reino de Deus”* (Ef. 5:5).

Neste capítulo 1, Paulo mostrou que os gentios entregaram-se à prática do pecado. Agora, no capítulo 2, ele demonstra que os judeus praticam as mesmas coisas e, igualmente, precisam da salvação em Jesus.

*“Portanto, és inescusável, ó homem, qualquer que sejas, quando julgas, porque te condenas a ti mesmo naquilo em que julgas a outro; pois tu que julgas, praticas o mesmo. E bem sabemos que o juízo de Deus é segundo a verdade, contra os que tais coisas praticam. E tu, ó homem, que julgas os que praticam tais coisas, cuidas que, fazendo-as tu, escaparás ao juízo de Deus?”* (Rm 2: 1-3).

Dos versículos 1 ao 16, do capítulo 2, Paulo prova que todos os homens são pecadores, inclusive os moralistas. Moralistas são aqueles que,

tendo o seu próprio padrão de moralidade, criticam os que não se guiam por esse padrão. Pensam serem bons demais, pelo que condenam os outros. Uma pessoa, antes de procurar melhorar os outros, deve melhorar a si mesma, abandonando os seus próprios pecados. À medida que Paulo convence de que todos os homens precisam do Evangelho, mostra que “o homem moralmente”, que condena os outros pela sua impiedade, sabe em seu coração que tem falhado freqüentemente, tentando fazer aquilo que reconhece ser certo.

“...*Deus há de julgar os segredos dos homens,...*” (2:16). Como será o julgamento divino? Esse julgamento será executado por Jesus Cristo e se dará levando em consideração os seguintes critérios: a) a verdade (2:1-5); b) os feitos dos homens (2:6-10); c) sem aceção de pessoas (2:11-15); d) segundo o Evangelho (2:16).

*“Mas se tu és chamado judeu, e repousas na lei, e te glorias em Deus; e conheces a sua vontade e aprovas as coisas excelentes, sendo instruído na lei; e confias que és guia dos cegos, luz dos que estão em trevas, instruidor dos néscios, mestre de crianças, que tens na lei a forma da ciência e da verdade; tu, pois, que ensinas a outrem, não te ensinavas a ti mesmo? Tu, que pregas que não se deve furtar, furtas?”* (2:17-21). O judeu buscava encobrir o seu pecado usando a religião como pretexto. E ainda, se vangloriava do seu privilégio, como povo escolhido, mas, suas vidas não estavam de acordo com o querer de Deus.

Paulo diz que num sentido é bom ser judeu (2:17-20). Mas, um judeu que quebra a Lei divina não é melhor que um gentio que não tem lei.

O judeu se diz “inocente” e busca encobrir o seu pecado através da “religião, mas, Deus refuta essa defesa fútil, mostrando que o judeu que assim age:

- a) Incorre em maior condenação (2:21,22);
- b) Desfigura o bom nome de Deus (2:23,24);
- c) Anula o verdadeiro caráter dos ritos religiosos (2: 25,25);
- d) Perde seus privilégios por sua posição religiosa (2:29).

Resumindo, o judeu está sob condenação também. E, conclui-se que, maiores privilégios acarretam maiores responsabilidades; que quanto maior a revelação recebida de Deus, maior será a responsabilidade diante dEle.

O apóstolo Paulo, no início do capítulo 3, responde a algumas perguntas referentes aos judeus. *“Que vantagem, pois, tem o judeu? ou qual a utilidade da circuncisão? Muita, em todo sentido; primeiramente, porque lhe foram confiados os oráculos de Deus. Pois quê? Se alguns foram infiéis, porventura a sua infidelidade anulará a fidelidade de Deus? De modo nenhum; antes seja Deus verdadeiro, e todo homem mentiroso; como está escrito: Para que sejas justificado em tuas palavras, e venças quando fores julgado”* (3:1-4). A falta de fé dos homens não invalida a fidelidade de Deus. Mas Deus julgará a todos, e principalmente, aqueles que alegando bons motivos, agem erradamente visando alcançar os seus propósitos.

Paulo prossegue o capítulo 3, de 9 a 20, falando que a necessidade de salvação é universal. Ele explica que todos estão debaixo do pecado; que todo ser humano tem uma natureza pecaminosa, que o instiga ao pecado e ao mal. A solução de Deus para essa situação trágica é oferecer perdão, ajuda, graça, justiça e salvação a todos, mediante a redenção que há em Jesus.

*“Não há justo, nem sequer um”* (3:10). Todas as pessoas, no seu estado natural, são pecadoras. *“Não há temor de Deus”* (3:18). Se houvesse temor teria buscado a reconciliação com Deus.

Paulo encerra este trecho dizendo: *“Ora, nós sabemos que tudo o que a lei diz, aos que estão debaixo da lei o diz, para que se cale toda boca e todo o mundo fique sujeito ao juízo de Deus; porquanto pelas obras da lei nenhum homem será justificado diante dele; pois o que vem pela lei é o pleno conhecimento do pecado”* (3:19,20).

## **A JUSTIFICAÇÃO: A PROVISÃO DIVINA (3:21 a 5:21)**

*“Mas agora, sem lei, tem-se manifestado a justiça de Deus.... Porque todos pecaram e destituídos estão da glória de Deus”* (Rm 3:21a,23). No trecho de Romanos 3:21 a 31, temos a doutrina declarada da justificação. Vejamos algumas verdades com respeito à justiça de Deus:

- Sua natureza: Paulo demonstra que todos os homens precisam da justiça de Deus, porque a raça inteira pecou. Os gentios estão sob condenação. A cegueira espiritual levou-os à idolatria e a idolatria à corrupção moral. O judeu também jaz sob a condenação. Por certo, ele pertence à nação escolhida, tendo conhecido a Lei de Moisés durante séculos, mas tem vio-

lado essa Lei em pensamento, em atos e em palavras. Todos necessitam da justiça de Deus; e, esta se refere à ação redentora de Deus na esfera do pecado humano, mediante a qual, dentro das normas da Sua justiça (3:26), leva a pessoa a um relacionamento correto com Ele mesmo e a liberta do poder do mal.

- Seu relacionamento com a Lei: Paulo declarou que ninguém é justificado mediante as obras da Lei. Isso não é uma crítica contra a Lei, pois que ela é santa e perfeita. A declaração apenas significa que a Lei não foi dada visando o propósito de tornar justos os homens, e sim para oferecer um padrão de perfeita retidão. A Lei não criou o pecado; foi dada para revelar sua presença, a sua natureza e a sua culpabilidade, a fim de que o remédio seja recitado por Deus.

- Sua revelação. “Mas, agora, se manifestou, sem a lei, a justiça de Deus” (3:21). Durante séculos, os homens tinham pecado e aprendido a impossibilidade de vencer seus próprios pecados. Agora, porém, Deus revelou clara e abertamente o caminho. Muitos israelitas, cômicos da sua necessidade, sentiam que devia haver uma maneira de se receber a justificação, independentemente da rigorosa observação de toda a Lei, porque, afinal, o homem pecaminoso nunca poderia observá-la perfeitamente. Sentiam que devia existir uma justiça que não dependesse inteiramente das suas próprias obras e esforços. Em outras palavras, ansiavam pela redenção e pela graça. E Deus lhes deu a certeza de que tal justiça seria revelada. A Lei de Moisés foi dada para fazer o homem sentir o quanto necessita da redenção.

- Sua apropriação. Sendo que a Lei não poderá justificar, a única esperança do homem é a “justiça sem a Lei”. Por qual método isto é levado a efeito? Pela justiça de Deus; ou seja, uma justiça que Deus dá; é uma dádiva, porque o homem não tem a capacidade de desenvolvê-la ou operá-la (Ef. 2:8-10). Se for uma dádiva, devemos aceitá-la. Como? Pela fé em Jesus Cristo. A fé é a mão que humildemente aceita o que Deus oferece. A salvação que se recebe é uma dádiva não merecida, um salário pelo qual não se trabalhou.

- Seu escopo. Essa justiça é para todos e sobre todos os que crêm; porque não há diferença. A dádiva divina, a justiça que Deus oferece é realmente para toda pessoa que crê. “*Porque todos pecaram e destituídos estão da glória de Deus*”. A “glória de Deus” aqui significa o caráter de



Deus, e o caráter de Deus é o padrão para o comportamento humano; todos fracassaram ao serem medidos contra esse padrão. A “glória de Deus” é o fim para o qual a vida humana foi designada; a salvação nos coloca no trilho que vai avançando para esse destino.

- Sua concessão. “Sendo justificados”. A palavra “justificar” é uma expressão judicial que significa pronunciar inocente, justo. “Justo”, originalmente, tem o significado de ser reto, em conformidade com um padrão ou regra. Um homem justo, portanto, é um homem cuja vida está em linha reta com a Lei de Deus. Se, porém, descobre que, ao invés de ser “reto”, ele é “perverso” (“torto”), e sem a possibilidade de se endireitar a si mesmo, então precisa da justificação. Essa é a operação de Deus.

- Sua origem. “Gratuitamente pela Sua graça”. Os homens nada possuíam para comprar sua própria justificação. Deus não poderia reduzir o nível da sua justiça para aquilo que os homens podem galgar; e os homens não poderiam subir até as alturas das exigências de Deus. Deus, portanto, deu a salvação de graça. A Graça é o favor divino mostrado aos que não merecem. A salvação mediante a graça remove dois perigos: primeiro, o desejo de alguém se justificar a si mesmo mediante seus próprios esforços; segundo, o temor das pessoas quanto a serem fracas demais para serem justificadas.

- Sua base. Como é que Deus pode chamar o pecador de justo e tratá-lo como homem virtuoso? É porque Deus lhe dá a justiça. Mas, é certo dar o título de “bom” e “justo” a quem não o mereceu? Foi Jesus quem obteve o título para o pecador, que passa a ser chamado justo “pela redenção que há em Cristo Jesus”. A redenção é a libertação total obtida mediante o preço pago, libertação da penalidade do pecado, do poder do pecado e da presença do pecado. Jesus é nosso Representante, é justo, e nós, que nEle confiamos, participamos da Sua justiça. Deus nos aceita, porque aceita Jesus.

- Seu método. “*Ao qual Deus propôs para propiciação pela fé no seu sangue*” (3:25). Propiciação é um sacrifício ou uma dádiva que afasta a ira de Deus, fazendo com que seja misericordioso e favorável para com o pecador. É o que compra o favor de Deus para com os que não o merecem. Jesus morreu a fim de nos salvar da justa ira de Deus e de obter para nós o favor divino.

- Sua vindicação. “Para demonstrar a sua justiça pela remissão dos

pecados dantes cometidos, sob a paciência de Deus” (3:25). A cruz de Cristo proclama que Deus nunca foi indiferente para com os pecados humanos e que nunca o será. Deus provou sua ira contra o pecado, mediante sua punição aos gentios e ao seu povo, em muitas ocasiões, deixando, porém, de aplicar a totalidade, que teria causado destruição total da raça inteira. Quando Deus entregou Jesus à morte, demonstrou que sua tolerância tinha em vista a sua perfeita justiça que seria satisfeita por Cristo. Que Jesus morreu em prol dos homens, é uma verdade bastante conhecida, mas é também verdade que Ele morreu em prol de Deus – ou seja, para vindicar a justiça de Deus. *“Para demonstração da sua justiça neste tempo presente, para que ele seja justo e também justificador daquele que tem fé em Jesus”* (3:26). Deus é justo e, portanto, tem que punir o pecador; Deus é misericordioso e deseja perdoo-lo. Noutras palavras, quer ser justo e também justificador.

No capítulo 3 estudamos a doutrina declarada da justificação, no capítulo 4 ela será apresentada através da doutrina ilustrada. A justificação pela fé não é nenhuma nova revelação. Ela fora demonstrada no Antigo Testamento e Paulo na Epístola aos Romanos cita dois exemplos, de Abraão e Davi, para comprovar que a doutrina da justificação pela fé é fiel às Escrituras.

Primeiro ele trata do assunto falando de Abraão, amigo de Deus, e considerado um exemplo de homem justo. Abraão foi um homem justificado. Mas, em que base foi justificado? Na das obras, ou de quaisquer esforços dos quais poderia se jactar (vangloriar)? Não; porque as escrituras declaram: *“Creu Abrão em Deus, e isso lhe foi imputado como justiça”* (4:3). O patriarca tinha muitas qualidades e privilégios em que poderia ter-se jactado; a única coisa, no entanto, que lhe foi contado por justiça foi ter crido nas promessas de Deus. Mas, afinal, não merecemos algum louvor por confiar em Deus? Não. Pela fé, abrimos nossa mão estendida para receber como dádiva aquilo que não podemos comprar nem merecer como salário.

O segundo exemplo foi o de Davi. Ele foi um homem de Deus, mas as manchas no seu caráter, e seu duplo crime (II Sm 12) comprovam a falsidade da idéia de ele ter sido justificado mediante as obras. *“Assim também Davi declara bem-aventurado o homem a quem Deus atribui a*

*justiça sem as obras, dizendo: Bem-aventurados aqueles cujas iniquidades são perdoadas, e cujos pecados são cobertos. Bem-aventurado o homem a quem o Senhor não imputará o pecado” (4:6-8). No caso de Abraão, Paulo toca no lado positivo da justificação, demonstrando como Deus imputa a justiça ao que crê; agora, no exemplo de Davi, passa a tratar do lado negativo, mostrando como Deus deixa de imputar pecado àquele que justificou. A palavra imputar, tão freqüentemente repetida no capítulo 4, é uma metáfora tirada da contabilidade, e indica algo colocado na conta a crédito de alguém. No processo da justificação, os pecados dos homens são debitados e a justiça de Deus é lançada a crédito.*

Romanos 4:24,25, mostra-nos três coisas que devem estar incluídas na fé em Deus da qual depende a nossa justificação: a) aceitar a Jesus como Salvador; b) crer que Deus enviou Jesus para morrer a fim de nos salvar; c) crer que Ele ressuscitou. A justificação e todas as bênçãos dela derivadas nos são dadas através da fé; por isso Deus deve ser o único objeto da nossa fé.

O capítulo 5, fala dos vários resultados produzidos no crente pela justificação. Ela produz: a paz com Deus, a graça, a esperança, a firmeza, o amor de Deus, o Espírito Santo, o livramento da ira, a reconciliação, a salvação e o gozo com Deus. Os pontos mais importantes neste capítulo são o novo relacionamento entre Deus e o homem. A separação existente entre o homem e Deus é transformada em paz, mediante a justificação, e a ira de Deus contra o pecado é removida. Paulo diz: *Justificados, pois, pela fé, tenhamos paz com Deus, por nosso Senhor Jesus Cristo, ... Logo muito mais, sendo agora justificados pelo seu sangue, seremos por ele salvos da ira” (5:1,9).*

Em Romanos 5:12 a 21, Paulo contrasta Adão com Jesus. Primeiro, ressalta como através da transgressão e queda de Adão, o pecado como poder ativo conseguiu penetrar na raça humana. Depois, ressalta a suprema suficiência da redenção provida por Jesus para desfazer os efeitos desta queda. Adão trouxe o pecado e a morte; Jesus trouxe a graça e a vida.

*“Porque, se pela ofensa de um só, a morte veio a reinar por esse, muito mais os que recebem a abundância da graça, e do dom da justiça, reinarão em vida por um só, Jesus Cristo. Porque, assim como pela desobediência de um só homem muitos foram constituídos pecadores, assim também pela obediência de um muitos serão constituídos justos” (5:17,19).*

## EXERCÍCIO

1. \_\_\_\_ “Paulo, filho de Jesus Cristo, chamado para ser apóstolo...” (Rm 1:1).
2. \_\_\_\_ O tema do livro de Romanos é “Revelação da Justiça de Deus”.
3. \_\_\_\_ Paulo termina a saudação aos romanos dizendo que sente vergonha do Evangelho.
4. \_\_\_\_ A ira de Deus é uma expressão da sua justiça e do seu amor.
5. \_\_\_\_ Moralistas são as pessoas que tendo o seu próprio padrão moral, criticam os que não se guiam por esse padrão.
6. \_\_\_\_ A falta de fé dos homens não invalida a fidelidade de Deus.
7. \_\_\_\_ “Todos pecaram e destituídos estão da glória de Deus” – isto não é uma verdade bíblica.
8. \_\_\_\_ A “Graça de Deus” é o favor divino mostrado aos que não merecem.

Epistola Paulinas I



**CAPÍTULO 2**



Livro de Romanos  
(6 a 8)



# A Santificação: a Concretização da justiça (Rm. 6-8)

**P**aulo continua o grande tema de Romanos: o método divino de fazer justos os pecadores. A primeira parte tratou da questão dos pecadores; agora, levanta-se a questão da graça. “*Que diremos, pois? Permaneceremos no pecado, para que abunde a graça? De modo nenhum. Nós, que já morremos para o pecado, como viveremos ainda nele?*” (6:1,2). Provavelmente, enquanto Paulo fazia sua exposição da doutrina da justificação mediante a fé, alguns judeus estivessem ouvindo e faziam protesto, dizendo que era heresia, falar que o povo não precisava fazer mais nada em prol da salvação, por ser resultado da graça de Deus.

Mas, Paulo, responde: “De modo nenhum!” Pelo contrário, ele diz: “Considerai-vos mortos para o pecado”. Continuar no pecado é impossível para um homem realmente justificado, por causa da sua união com Jesus na morte e na vida. Em virtude da sua fé em Cristo, o homem salvo teve uma experiência que inclui um rompimento com o erro; a experiência é uma transformação radical que é descrita como sendo uma ressurreição. O Batismo nas águas é uma representação dessa experiência (6:3).

“*Porque, se temos sido unidos a ele na semelhança da sua morte, certamente também o seremos na semelhança da sua ressurreição; sabendo isto, que o nosso homem velho foi crucificado com ele, para que o corpo do pecado fosse desfeito, a fim de não servirmos mais ao pecado*” (6:5,6). A expressão “velho homem” refere-se ao antigo *eu*, à vida não regenerada,

cheia de pecado. Mediante a regeneração, despimo-nos do “velho homem”, revestindo-nos do “novo homem”, da nova natureza. “O corpo do pecado” não é expressão que signifique que o pecado tem sua origem no corpo, e sim que o corpo é o instrumento usado para praticar o pecado. É a alma que peca, mas é mediante o corpo que a alma se expressa.

“*Pois quem está morto está justificado do pecado*” (6:7). A morte cancela todas as obrigações e rompe todos os laços. Assim como a morte findava a escravidão literal, assim também a morte do crente para a antiga vida liberta-o da escravidão do pecado.

Em Romanos 6:9 a 14, somos conclamados:

- A atitude de fé (vs. 9-11): A morte de Jesus pôs fim àquele estado em que tinha contato com o pecado, e a vida é agora de ininterrupta comunhão com Deus. Os crentes, embora ainda estejam no mundo, podem também compartilhar da Sua experiência, porque estão unidos a Ele. Como? “*Assim também vós considerai-vos como mortos para o pecado, mas vivos para Deus, em Cristo Jesus*” (v.11). O que significa isto? Deus disse que mediante a fé em Jesus, somos mortos para o pecado e vivos para a justiça.

- A operação da fé (v.12). Enquanto vivemos neste corpo mortal, nós, que temos comunhão com Cristo, ainda por um tempo estamos sujeitos a receber os ataques de Satanás, temos que resistir a todos os esforços feitos por ele no sentido de nos desviar da lealdade à vontade de Deus e sujeitar às tendências pecaminosas. Como podemos cumprir, na prática, a exortação para nos considerarmos mortos para o pecado? O apóstolo responde: “*Nem tampouco apresenteis os vossos membros ao pecado como instrumentos de iniquidade; mas apresentai-vos a Deus, como redivivos dentre os mortos, e os vossos membros a Deus, como instrumentos de justiça*” (v.13). Uma vez sabido que, mediante a obra de Cristo, somos mortos para o pecado, podemos dizer “não” a cada tentação, e “sim” a cada manifestação da vontade de Deus.

- Ao encorajamento da fé. “Mas será que tenho forças suficientes para romper com o pecado?” Paulo responde: “*Pois o pecado não terá domínio sobre vós, porquanto não estais debaixo da lei, mas debaixo da graça*” (v.14). A cruz de Cristo nos libertou não somente das consequências do pecado, como também da sua autoridade. A Lei revelava o pecado, e exigia o devido castigo, mas não oferecia nenhuma capacidade para



vencê-lo; a graça, além de cancelar a penalidade, concede poder para vencer o pecado.

No capítulo 7, vemos que o crente está morto para a Lei. É que a Lei exigia a morte do transgressor; porém, Jesus sofreu a morte por nós. Paulo demonstra que a Lei não tem poder para salvar e santificar, não porque ela não seja boa, e sim por causa da tendência pecaminosa do homem. Nos primeiros versículos (1-6) deste capítulo, Paulo apresenta o assunto do relacionamento do homem com a Lei, tomando por base a ilustração do casamento: *“Porque a mulher casada está ligada pela lei a seu marido enquanto ele viver; mas, se ele morrer, ela está livre da lei do marido”* (7:2). Segundo Paulo, a morte rompe o elo do matrimônio, concedendo ao cônjuge vivo direito de contrair novas núpcias. Sendo assim, estando mortos para a Lei que antes nos condenava (7:6), estamos livres para nos unirmos a Jesus. O primeiro casamento com a Lei foi infrutífero quanto à justiça. O segundo com Jesus nos faz novas criaturas e nos leva a produzir frutos de justiça – ações que agradam a Deus.

Paulo, nos versículos 7 a 13, descreve o que a Lei revela: a) o fato do pecado (7:7); b) a ocasião do pecado (7:8); c) o poder do pecado (7:9); a traição do pecado (7:11); o feito do pecado (7:10,11); a malignidade do pecado (7:12,13).

Os versículos 13 ao 25, descrevem a experiência da pré-conversão de Paulo, ou de qualquer outra pessoa que procura agradar a Deus. *“Logo o bom tornou-se morte para mim? De modo nenhum; mas o pecado, para que se mostrasse pecado, operou em mim a morte por meio do bem; a fim de que pelo mandamento o pecado se manifestasse excessivamente maligno. Porque bem sabemos que a lei é espiritual; mas eu sou carnal, vendido sob o pecado. Pois o que faço, não o entendo; porque o que quero, isso não pratico; mas o que aborreço, isso faço. E, se faço o que não quero, consinto com a lei, que é boa”* (7:13-16). Observamos nestes versículos, que Paulo muda o pronome “nós” para “eu”, e passa a descrever a sua batalha pessoal contra a natureza pecaminosa. A partir do versículo 14, temos o “eu” do novo homem, lutando por viver a vida cristã. Paulo diz que a Lei que ele tão zelosamente queria observar despertava nele impulsos pecaminosos. O resultado fora uma “guerra civil” na sua alma.

No versículo 19, Paulo mostra a sua incapacidade de obedecer à voz da consciência - *“Pois não faço o bem que quero, mas o mal que não que-*

*ro, esse pratico*". Por que Paulo descreve o conflito que estava vivendo? Para demonstrar que a Lei não pode nos justificar, tampouco nos santificar. É uma tentativa vã do "eu-próprio" lutando por fazer, sem nada conseguir, aquilo que a Lei manda, sem apelar ao Espírito Santo. Num grito de desespero, Paulo diz: "*Miserável homem que eu sou! Quem me livrará do corpo desta morte?*" (7:24). E, terminado a descrição da experiência sob a Lei, ele passa agora a dar testemunho da experiência sob a graça: "*Dou graças a Deus (que recebi a libertação) por Jesus Cristo, nosso Senhor*" (7:25a).

E assim, com este brado de vitória, entramos no capítulo 8, cujo tema é a nova vida debaixo da graça. Nesta parte, vemos o Espírito Santo operando em nós o que o Pai e o Filho planejaram e providenciaram para nós.

Vejamos o poder do Espírito Santo em nós (8:1-4):

- "*Portanto, agora nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus*" (v. 1). Os que estão "em Cristo" saíram do ambiente da condenação da Lei e alcançaram uma posição de onde podem subjugar a carne. A batalha continua ao redor, mas eles são vencedores em Cristo na medida em que não andam segundo a carne, mas segundo o Espírito.

- "*Porque a lei do Espírito da vida, em Cristo Jesus, te livrou da lei do pecado e da morte*" (v.2). Mediante nossa união com o Filho de Deus ressurreto e glorificado, um novo poder, o poder do Espírito Santo, entra na natureza humana para subjugar o pecado. A lei do pecado e da morte é inerente à natureza humana, mas esta lei é superada pela lei do Espírito da vida, que opera em nós na medida em que conservamos nossa comunhão com Deus.

- "*Porquanto o que era impossível à lei, visto que se achava fraca pela carne, Deus enviando o seu próprio Filho em semelhança da carne do pecado, e por causa do pecado, na carne condenou o pecado*" (v.3). A Lei não possui nenhum poder para inutilizar a atuação do pecado, mas Deus tem este poder e, ao enviar Jesus para morrer em nosso lugar, rompeu o poderio do pecado. A Lei era santa e espiritual, mas o homem era carnal, sem possuir o poder de obediência. Nesse caso, ou a Lei tinha que ser alterada ou o homem tinha que ser transformado. Deus nunca mudará os eternos princípios da Sua justiça, mas mediante o envio de novas forças espirituais, providenciou a mudança da natureza humana. Essa

força foi colocada ao nosso dispor mediante a obra expiatória de Jesus.

- *“Para que a justa exigência da lei se cumprisse em nós, que não andamos segundo a carne, mas segundo o Espírito”* (v.4). Quando Jesus entra em nossa vida, inspira desejos e afetos novos e diferentes. Por assim dizer, fechou a fábrica do pecado e abriu uma indústria de retidão. E uma das evidências de que alguém passou da morte para a vida é o fato de ele amar os irmãos. O amor cumpre a lei de Deus porque nenhum mal pratica, e porque gosta de fazer o bem aos outros.

A partir dos versículo 5 até o 11, Paulo afirma que a pessoa verdadeiramente salva não viverá “na carne”, porque ela é inimiga do Espírito Santo. Ele diz: *“Pois os que são segundo a carne inclinam-se para as coisas da carne; mas os que são segundo o Espírito para as coisas do Espírito”* (8:5). A palavra “carne” representa a natureza antiga e pecaminosa que não recebeu a renovação; abrange a totalidade da vida não renovada que vive longe de Deus. Isso não significa, necessariamente, que a pessoa tenha uma vida cheia de vícios e pecados grosseiros porque a “carne” pode ser oculta, refinada e educada. Quando alguém passa a colocar Deus no centro da sua vida, passa a andar segundo o Espírito. O resultado de uma vida que vive segundo a carne é a morte (8:6a). Essa “morte” se refere à separação presente e futura de Deus. O homem carnal, para quem o eu-próprio é a lei suprema, naturalmente tem ressentimento contra a vontade do Poder Superior.

*“Porquanto a inclinação da carne é inimizada contra Deus, pois não é sujeita à lei de Deus, nem em verdade o pode ser; e os que estão na carne não podem agradar a Deus”* (8:7,8). Para ele, sua lei é seguir seu próprio caminho. O que há de mais trágico nisto é que alguém pode ficar sem ter consciência desta rebelião contra Deus, pode até chegar a pensar que está servindo a Deus, quando, na realidade, está servindo a si mesmo. Por maiores que sejam as qualidades possuídas por alguém, ou por mais importantes que pareçam ser os trabalhos religiosos que realiza, se ainda está “na carne”, pensando em si em primeiro lugar, “não pode agradar a Deus”.

*“Vós, porém, não estais na carne, mas no Espírito, se é que o Espírito de Deus habita em vós. Mas, se alguém não tem o Espírito de Cristo, esse tal não é dele”* (8:9). Estar “no Espírito” quer dizer que o Espírito em nós habita, dirigindo nossa vida. O “Espírito de Cristo” é o Espírito Santo

em pessoa, e não, como alguns afirmam, o caráter e a disposição de Jesus. É chamado assim porque foi enviado em nome de Jesus (Jo 14:26), porque transforma em realidade o que Jesus fez por nós e porque é o “outro Consolador” que veio tomar o lugar de Jesus aqui na terra. Essa interpretação significa que a pessoa não é salva se não recebeu o batismo no Espírito Santo? Não; trata-se de duas operações diferentes. A presença em nós do Espírito de Cristo é vinculada à regeneração da nossa natureza. O batismo no Espírito nunca é vinculado à salvação, mas ao poder para o serviço.

*“E, se Cristo está em vós, o corpo, na verdade, está morto por causa do pecado, mas o espírito vive por causa da justiça. E, se o Espírito daquele que dos mortos ressuscitou a Jesus habita em vós, aquele que dos mortos ressuscitou a Cristo Jesus há de vivificar também os vossos corpos mortais, pelo seu Espírito que em vós habita”* (8:10,11). Paulo faz o contraste entre o corpo humano e o espírito. O corpo que morre fisicamente por causa do pecado de Adão e o espírito, que em virtude da presença do Espírito Santo nele, transforma-se em força viva que penetra em todos os recantos do ser humano, inclusive no corpo. A habitação do Espírito Santo em nós é prova, não somente da ressurreição espiritual que já houve em nossas vidas, mas também é promessa e garantia da futura ressurreição da nossa pessoa total.

*“De maneira que, irmãos, somos devedores, não à carne para vivermos segundo a carne”* (8:12). Não voltemos a andar segundo a carne; o bom raciocínio exige que os crentes sigam a liderança do Espírito, pois é Ele quem traz paz e alegria às suas vidas. *“Porque se viverdes segundo a carne, haveis de morrer”* (8:13a). Viver segundo a carne, depois de tudo aquilo que Deus fez, seria brincar com a morte espiritual, seria rolar no lamaçal como porca lavada (II Pe. 2:20-22). *“Mas, se pelo Espírito mortificardes as obras do corpo, vivereis”* (8:13b). Isto não quer dizer que devemos danificar nosso corpo físico mediante açoites e a fome, para crucificar a carne. Mortificar os feitos do corpo é abafar os desejos pecaminosos, fazendo-os morrer enquanto alimentamos nossa alma com o Espírito Santo. *“Pois todos os que são guiados pelo Espírito de Deus, esses são filhos de Deus”* (8:14). As expressões “andar no Espírito” e “guiado pelo Espírito”, referem-se a uma experiência habitual, contínua.

Em Romanos 8:15 diz que não recebemos o espírito de escravidão,

mas o espírito de “adoção de filhos”, que coloca-nos num relacionamento familiar tão íntimo com Deus que podemos nos aproximar dEle e chamá-lo: “Aba, Pai”. Paulo complementa: *“O Espírito mesmo testifica com o nosso espírito que somos filhos de Deus; e, se filhos, também herdeiros, herdeiros de Deus e co-herdeiros de Cristo; se é certo que com ele padecemos, para que também com ele sejamos glorificados”* (8:16,17).

O apóstolo Paulo a partir do versículo 18, fala que toda a criação está aguardando a manifestação dos filhos de Deus (8:19); que é, a redenção do nosso corpo. Deus criou a terra para ser o lar da humanidade, mas o pecado de Adão afetou a terra e a criação. Todos sofremos o resultado dessa rebelião. *“Porque sabemos que toda a criação, conjuntamente, geme e está com dores de parto até agora; e não só ela, mas até nós, que temos as primícias do Espírito, também gememos em nós mesmos, aguardando a nossa adoração, a saber, a redenção do nosso corpo”* (8:22,23).

Deus nos conheceu antes de nascermos. Ele sempre soube quais os que responderiam à Sua oferta de salvação e quais os que a rejeitariam. Deixou a escolha ao nosso cuidado, mas Ele planejou o que fazer para que os que se tornassem Seus filhos. *“Os destinou para serem conformes à imagem de seu Filho, a fim de que ele seja o primogênito entre muitos irmãos; e aos que destinou, a estes também chamou; e aos que chamou, a estes também justificou; e aos que justificou, a estes também glorificou”* (8:29,30).

Paulo encerra o capítulo 8 estimulando os filhos de Deus a prosseguirem:

*“Que diremos, pois, a estas coisas? Se Deus é por nós, quem será contra nós?”*

*Aquele que nem mesmo a seu próprio Filho poupou, antes o entregou por todos nós, como não nos dará também com ele todas as coisas?*

*Quem tentará acusação contra os escolhidos de Deus? É Deus quem os justifica;*

*Quem os condenará? Cristo Jesus é quem morreu, ou antes quem ressurgiu dentre os mortos, o qual está à direita de Deus, e também intercede por nós;*

*Quem nos separará do amor de Cristo? a tribulação, ou a angústia, ou a perseguição, ou a fome, ou a nudez, ou o perigo, ou a espada?*

*Como está escrito: Por amor de ti somos entregues à morte o dia to-*

---

*do; fomos considerados como ovelhas para o matadouro. Mas em todas estas coisas somos mais que vencedores, por aquele que nos amou.*

*Porque estou certo de que, nem a morte, nem a vida, nem anjos, nem principados, nem coisas presentes, nem futuras, nem potestades, nem a altura, nem a profundidade, nem qualquer outra criatura nos poderá separar do amor de Deus, que está em Cristo Jesus nosso Senhor”.*

## EXERCÍCIO

1. \_\_\_\_ Em Romanos 6:9-14, somos conclamados a atitude, operação e encorajamento da fé.
2. \_\_\_\_ “Pois não faço o bem que quero, mas o mal que não quero, esse pratico” (Rm. 7:19) - disse Jesus.
3. \_\_\_\_ As pessoas que estão em Cristo saíram do ambiente de condenação da Lei e estão sob a graça.
4. \_\_\_\_ “Portanto, agora nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus” (Rm. 8:1).
5. \_\_\_\_ Quando alguém passa a colocar Deus no centro da sua vida, passa a andar segundo o Espírito.
6. \_\_\_\_ O batismo com o Espírito Santo está vinculado à salvação e nunca ao poder para o serviço.
7. \_\_\_\_ O resultado de uma vida que vive segundo a carne é a morte.
8. \_\_\_\_ “Pois todos os que são guiados pelo Espírito de Deus, esses são filhos de Deus” (Rm 8:14).





Epistola Paulinas I



**CAPÍTULO 3**



Livro de Romanos  
(9 a 16)



# A Dispensação de Israel e Exortações finais (Rm. 9-16)

**E**sses capítulos parecem adotar uma linha de pensamento diferente do se apresentou nos capítulos anteriores. Paulo tratou do indivíduo e agora passa a falar do destino de uma nação - Israel. Ele define quais são os privilégios especiais de Israel como povo de Deus. Essas explicações foram necessárias face às objeções dos judeus aos ensinamentos de Paulo. Ele aproveita também para fazer algumas exortações para o viver diário dos cristão em Roma.

## A DISPENSAÇÃO DE ISRAEL (Rm 9-11)

O capítulo 9 fala sobre a resistência de Israel ao Evangelho. Ao rejeitar Jesus, a nação judaica inteira rejeitou o Messias, cuja vinda aguardavam e pelo qual viviam. Sendo assim, podemos dizer, então, que fracassou o plano que Deus fizera para Israel? Não. Paulo afirma que a promessa de Deus a Israel não falhou, pois a promessa era só para os fiéis desta nação. Visava somente o verdadeiro Israel, àqueles que eram fiéis à promessa. *“Não que a palavra de Deus haja falhado. Porque nem todos os que são de Israel são israelitas; nem por serem descendência de Abraão são todos filhos; mas: Em Isaque será chamada a tua descendência”* (9:6,7)

Os versículos 8 a 13, do capítulo 9, fala o modo de Deus agir na história de Israel. Neste trecho temos uma ilustração da soberana eleição ou escolha de Deus. Ele conhecia Jacó e Esaú, antes de nascerem; sabia o caminho que cada um iria tomar e qual deles cumpriria o Seu propósito.

“Como está escrito: Amei Jacó e aborreci Esaú” (9:13). Isto não significa que Jacó e seus descendentes foram eleitos para a salvação eterna, enquanto que Esaú e seus descendentes para a condenação. Trata-se, antes, da eleição de Jacó e seus descendentes para serem canal de revelação e bênção de Deus para o mundo. Mas, a maioria dos descendentes de Jacó deixou de cumprir a sua vocação e, portanto, acabou sendo rejeitada por Deus.

Deus é livre para escolher a quem Ele quer (9:14-33). Ele tem o direito de agir com a Sua criação, conforme lhe apraz. *“Terei misericórdia de quem me aprouver ter misericórdia, e terei compaixão de quem me aprouver ter compaixão”* (9:15). Sua compaixão ativa e transbordante não pode ser merecida nem controlada pelos seres humanos. *“Assim, pois, isto não depende do que quer, nem do que corre, mas de Deus que usa de misericórdia. Portanto, tem misericórdia de quem quer, e a quem quer endurece”* (9:16,18).

Paulo cita o exemplo de Faraó, que resistiu à vontade de Deus, e a resposta foi endurecê-lo ainda mais. Assim sendo, o endurecimento do coração de Faraó não foi uma ação arbitrária de Deus, pois Ele agiu segundo Seu princípio justo, de endurecer todos aqueles que o rejeitam.

*“Dir-me-ás então. Por que se queixa ele ainda? Pois, quem resiste à sua vontade? Deus, querendo mostrar a sua ira, e dar a conhecer o seu poder, suportou com muita paciência os vasos da ira, preparados para a perdição”* (9:19,22). “Vasos da ira” referem-se àqueles que, pela prática do pecado, estão se preparando para a sua destruição eterna. *“Para que também desse a conhecer as riquezas da sua glória nos vasos de misericórdia,...”* (9:23). “Vasos de misericórdia” referem-se àqueles, tantos judeus como gentios, que crêem em Jesus e o seguem.

No final do capítulo 9, Paulo cita duas profecias de Isaías, referindo-se ao remanescente judaico (9:27-29). Ele mostra que o julgamento de Deus atinge a todo o mundo, menos aqueles que são salvos por Jesus.

A condição de Israel como nação perdida, deve-se ao fato de não aceitar a salvação nos termos de um Deus justo e soberano. Por outro lado os gentios conseguiram a justiça pela fé (9:30). Israel não conseguiu porque a buscou pelas obras (9:31,32), e, tropeçou na cruz de Jesus. *“Eis que eu ponho em Sião uma pedra de tropeço; e uma rocha de escândalo; e quem nela crer não será confundido”* (9:33). Sobre esta pedra de trope-

ço caíram os judeus e foram expulsos de sua terra, tornando-se um povo disperso e sem pátria por cerca de dois milênios.

O capítulo 10 continua a discorrer sobre a rejeição de Israel. Os israelitas queriam a salvação mediante a Lei ao invés de confiar em Deus e no seu Filho. Não havia nenhuma desculpa para tal comportamento: O Evangelho fora pregado abertamente, com clareza, e Israel o rejeitou deliberadamente. Eles precisam da salvação, diz Paulo: *“O bom desejo do meu coração e a minha súplica a Deus por Israel é para sua salvação”* (10:1). O apóstolo Paulo fica profundamente sentido, com a rejeição de Israel, e não pode mencionar o assunto sem primeiro falar do seu grande pesar por causa da situação deles. E continua o seu lamento: *“Porque lhes dou testemunho de que têm zelo por Deus, mas não com entendimento. Porquanto, não conhecendo a justiça de Deus, e procurando estabelecer a sua própria, não se sujeitaram à justiça de Deus”* (10:2,3). Os judeus tinham zelo, conheciam a Lei, no entanto, era inaceitável a Deus a falta de entendimento e a incapacidade de promover Seus propósitos através deles. Eles não se sujeitaram à justiça de Deus, interpretaram mal o propósito da Lei, e, confiaram nela como meio de salvação espiritual. Por isso, quando Jesus veio oferecendo a salvação dos seus pecados, não O receberam. Achavam que Ele deveria anunciar algumas exigências mediante as quais pudessem ganhar a vida eterna.

*“Pois Cristo é o fim da lei para justificar a todo aquele que crê”* (10:4). A Lei fora dada a Israel para levar o povo ao “ponto final” certo, que é a fé na graça salvadora de Deus. Através de Jesus, Deus providenciou justiça completa, excluindo todo e qualquer esforço humano (10:6,7).

*“Se com a tua boca confessares a Jesus como Senhor, e em teu coração creres que Deus o ressuscitou dentre os mortos, será salvo”* (10:9). Neste versículo Paulo nos assegura que é muito simples a maneira de sermos salvos. Tudo o que se tem que fazer é “crer e confessar”, e “invocar o Senhor” (10:12,13).

*“Como pois invocarão aquele em quem não creram? e como crerão naquele de quem não ouviram falar? e como ouvirão, se não há quem pregue? E como pregarão, se não forem enviados? assim como está escrito: Quão formosos os pés dos que anunciam coisas boas!”* (10:14,15). Ninguém pode ser salvo se o Evangelho não for pregado por aqueles, os quais

Deus “enviou”. E de que modo as pessoas podem crer e serem salvas? *“Pelo ouvir a Palavra de Deus”* (10:17). Deus oferece salvação gratuita tanto para o judeu como para o gentio. *“Porventura não ouviram? Sim, por certo: Por toda a terra saiu a voz deles, e as suas palavras até os confins do mundo”* (10:18).

Note-se a paciência de Deus com Israel e seu pesar pela sua incredulidade, nos dois últimos versículos desse capítulo: *“Fui achado pelos que não me buscavam, manifestei-me aos que por mim não perguntavam. Quanto a Israel, porém, diz: Todo o dia estendi as minhas mãos a um povo rebelde e contradizente”* (10:20,21).

O capítulo 11 inicia com uma pergunta: *“Acaso rejeitou Deus ao seu povo?”* (v.1). Não devemos jamais pensar que Deus o rejeitou para sempre. Então, Deus cancelou suas promessas e negou sua própria Palavra com respeito aos judeus? Paulo responde com ênfase: *“De modo nenhum”*; e passa a demonstrar que a queda de Israel não é total (11:1-16), nem permanente. A nação judaica não está rejeitada e perdida, sem possibilidade de recuperação. Essa queda não pode ser o ponto culminante da sua maravilhosa história. Deus ainda tem um futuro para Israel.

A queda de Israel foi transformada em bênção, pois através dela veio a salvação dos gentios (11:11). Parecia uma tragédia quando os judeus rejeitaram seu Messias, mas Deus transformou aquela rejeição em bênção, fazendo com que a palavra da salvação fosse levada às nações gentias. *“Ora se o tropeço deles é a riqueza do mundo, e a sua diminuição (mediante a rejeição) a riqueza dos gentios, quanto mais a sua plenitude (restauração a todos os privilégios)!”* (11:12). A restauração de Israel também trará bênçãos abundantes. Ora, se sua rejeição trouxe tantas bênçãos para o mundo, quem poderá medir o tamanho das bênçãos que sua restauração trará! Segundo os profetas, a restauração de Israel será o ponto inicial para a vinda do Reino de Deus.

Israel é a oliveira que Deus plantou. Diferentes formas desta figura de retórica surgem por todo o Antigo Testamento. Se as raízes e o tronco dessa árvore pertencem a Deus, também os ramos igualmente (11:16). No versículo 17, Paulo acrescenta: *“E se alguns dos ramos foram quebrados, e tu, sendo zambujeiro, foste enxertado no lugar deles e feito participante da raiz e da seiva da oliveira”*. Ramos quebrados são os judeus incrédulos, enquanto que os zambujeiros bravos enxertados são os

gentios salvos. Por causa da rejeição de Israel os gentios recebendo a Jesus, passaram a desfrutar dos privilégios antes concedidos somente aos judeus. Mas, Paulo faz logo a seguir, uma advertência a todos os crentes gentios: *“Está bem. Pela sua incredulidade foram quebrados, e tu pela tua fé estás firme. Não te ensoberbeças, mas teme; porque, se Deus não poupou os ramos naturais, não te poupará a ti”* (11:20,21). Ele adverte seus leitores gentios de que não devem ficar tão orgulhosos na sua posição a ponto de desprezar os judeus.

Paulo então, volta a falar da consumação gloriosa de Israel, em Romanos 11:26: *“E, assim, todo o Israel será salvo”*. Isso não significa que todos se salvarão. Paulo fala aqui do destino nacional, e não da salvação individual. Quer dizer que Israel, como nação, será libertada dos seus inimigos, espirituais e físicos, sendo restaurada à sua antiga situação de testemunha de Deus.

*“Quanto ao evangelho, eles na verdade, são inimigos por causa de vós”* (11:28a). Desde o princípio, a nação israelita, como um todo, tomou posição contra Jesus, e até hoje a mesma atitude foi conservada. “Por causa de vós” significa que os gentios receberam benefícios do fato de os judeus terem rejeitado o evangelho. Deus, porém, não os rejeitou completamente, apesar da atitude deles. *“Mas, quanto à eleição, amados por causa dos pais”* (11:28b), ou seja, por causa das promessas feitas a Abraão, Isaque e Jacó, Deus restaurará a Israel.

As promessas divinas com respeito ao destino (nacional) de Israel são incondicionais, ou seja, garantem que esta nação será finalmente uma bênção para o mundo, apesar da necessidade de fazê-la passar por longos séculos de castigos. *“Pois, assim como vós outrora fostes desobedientes a Deus, mas agora alcançastes misericórdia pela desobediência deles, assim também estes agora foram desobedientes, para também alcançarem misericórdia pela misericórdia a vós demonstrada”* (11:30,31).

Paulo conclui este capítulo com um hino de adoração: *“Pois, quem jamais conheceu a mente do Senhor? ou quem se fez seu conselheiro? Ou quem lhe deu primeiro a ele, para que lhe seja recompensado? Porque dele, e por ele, e para ele, são todas as coisas; glória, pois, a ele eternamente. Amém. “Porque dele, e por ele, e para ele, são todas as coisas; glória, pois, a ele eternamente”* (11:34-36).

## EXORTAÇÕES PRÁTICAS (Rm 12-16)

Paulo, nesses capítulos, aplica todos os ensinamentos anteriormente dados de maneira prática, à vida real. Primeiro ele lançou os alicerces doutrinários; agora manda construir sobre eles uma vida cristã estável. A teologia e a prática são conjugadas.

*“Rogo-vos pois, irmãos, pela compaixão de Deus, que apresenteis os vossos corpos como um sacrifício vivo, santo e agradável a Deus, que é o vosso culto racional. E não vos conformeis a este mundo, mas transformai-vos pela renovação da vossa mente, para que experimenteis qual seja a boa, agradável, e perfeita vontade de Deus”* (12:1,2). O corpo é o veículo de expressão da alma redimida, como também o templo do Espírito Santo. Paulo faz um apelo à santidade. Ele deixa subtender várias coisas nestes versículos: (1) Que o presente sistema mundano é mau e que está sob o controle de Satanás; (2) Que as formas prevaletentes e populares deste mundo devem ser resistidas; (3) Que a mente deve ser renovada conforme o pensar de Deus, mediante a leitura da Palavra e de sua meditação. Santificação é o ato ou processo pelo qual, uma pessoa se torna santa. Uma pessoa é considerada santa quando de fato pertence a Deus e O serve fielmente. A santificação é posicional e instantânea, do ponto de vista divino. Do ponto de vista humano, a santificação é progressiva e prática.

Após exortação acima, Paulo fala do corpo – a Igreja: *“Pois assim como em um corpo temos muitos membros, e nem todos os membros têm a mesma função, assim nós, embora muitos, somos um só corpo em Cristo, e individualmente uns dos outros. De modo que, tendo diferentes dons segundo a graça que nos foi dada...”* (12:4-6a). Dons são capacidades específicas concedidas a cada um pelo Espírito Santo para um serviço. *“Se é profecia, seja ela segundo a medida da fé; se é ministério, seja em ministrar; se é ensinar, haja dedicação ao ensino; ou que exorta, use esse dom em exortar; o que reparte, faça-o com liberalidade; o que preside, com zelo; o que usa de misericórdia, com alegria”* (12:7,8).

Dos versículos 9 ao 21, Paulo enumera 27 mandamentos que se explicam por si próprios. O importante não está em compreendê-los, mas em colocá-los em prática. Leia cada um atentamente e avalie se você os tem colocado em prática!



No capítulo 13, Paulo fala sobre submissão à autoridade. Ele faz uma apresentação sistemática da doutrina cristã e da sua aplicação prática. Ele não pode desprezar essa área de responsabilidade de uma vida transformada – o respeito às autoridades terrenas. As atitudes para com os governantes devem ser dirigidas pelo Senhor. Nenhum cristão está isento das responsabilidades para com o governo civil.

*“Toda alma esteja sujeita às autoridades superiores; porque não há autoridade que não venha de Deus; e as que existem foram ordenadas por Deus”* (13:1). Deus ordena que o cristão obedeça ao estado, porque este, como instituição, é ordenado e estabelecido por Ele.

*“Por esta razão também pagais tributo; porque são ministros de Deus, para atenderem a isso mesmo. Dai a cada um o que lhe é devido: a quem tributo, tributo; a quem imposto, imposto; a quem temor, temor; a quem honra, honra”* (13:6,7). O crente não deve deixar de pagar os impostos e tributos. Jesus ensinou a dar a César o que é de César e a Deus o que é de Deus (Mt. 22:21).

Paulo ainda afirma: *“A ninguém devais coisa alguma, senão o amor recíproco; pois quem ama ao próximo tem cumprido a lei. Com efeito: Não adulterarás; não matarás; não furtarás; não cobiçarás; e se há algum outro mandamento, tudo nesta palavra se resume: Amarás ao teu próximo como a ti mesmo. O amor não faz mal ao próximo. De modo que o amor é o cumprimento da lei”* (13:8-10). A primeira evidência do amor cristão é apartarmos-nos do pecado e de tudo aquilo que causa dano e tristeza ao próximo.

Paulo encerra o capítulo 13, dizendo: *“A noite é passada, e o dia é chegado”* (13:12a). Ele acredita na volta iminente do Senhor, para levar para o céu os fiéis. Por essa razão, os filhos de Deus devem estar sempre prontos. *“Andemos honestamente, como de dia: não em glotonarias e bebedeiras, não em impudícias e dissoluções, não em contendas e inveja. Mas revesti-vos do Senhor Jesus Cristo; e não tenhais cuidado da carne em suas concupiscências”* (13:13,14).

No capítulo 14, Paulo está preocupado com a falta de suficiente afeto entre os crentes. O choque de culturas estava determinando desajustamentos e rejeição; conflitos e discussões tolas. As presenças de gentios e judeus, a diferença de costumes, refletiam nos cultos e na convivência. Alguns pensavam que não podiam comer certas coisas porque elas não eram

permitidas pela Lei judaica (14:3). Outros receavam comer certos alimentos porque parte deles fora sacrificada aos ídolos antes de serem vendidos no mercado. Outros comiam por fé sabendo que o alimento estava santificado pela Palavra de Deus e pela oração. Uns criticavam os que não tinham essa mesma fé. Por outro lado, os que não tinham fé para comer, criticavam os que a tinham e pensavam que eles estavam pecando. Paulo põe fim a essa discussão: *“Pois, se vivemos, para o Senhor vivemos; se morrermos, para o Senhor morremos. De sorte que, quer vivamos quer morramos, somos do Senhor. Mas tu, por que julgas teu irmão? Ou tu, também, por que desprezas teu irmão? Pois todos havemos de comparecer ante o tribunal de Deus. Assim, pois, cada um de nós dará conta de si mesmo a Deus. Portanto não nos julguemos mais uns aos outros; antes o seja o vosso propósito não pôr tropeço ou escândalo ao vosso irmão”* (14:8,10,12,13).

Devemos fazer tudo para a glória de Deus e para o bem espiritual dos outros. *“Bom é não comer carne, nem beber vinho, nem fazer outra coisa em que teu irmão tropece. A fé que tens, guarda-a contigo mesmo diante de Deus. Bem-aventurado aquele que não se condena a si mesmo naquilo que aprova. Mas aquele que tem dúvidas se come está condenado, porque o que faz não provém da fé; e tudo o que não provém da fé é pecado”* (14:21-23).

No capítulo 15, Ele cita três coisas que, o cristão, tem de fazer para com os irmãos mais fracos (15:1,2): (1) Suportar suas fraquezas; (2) Não agradar especificamente a nós mesmos; (3) agradar ao próximo. *“Porque também Cristo não se agradou a si mesmo, mas como está escrito: Sobre mim caíram as injúrias dos que te injuriavam”* (15:3). Paulo continua no mesmo tema, aprofundando-se ainda mais, nos versículos 5 ao 7).

Logo após, ele cita o Antigo Testamento para provar que a salvação dos gentios estava profetizada como parte do plano de Deus: (1) *“E outra vez diz: Alegrai-vos, gentios, juntamente com o povo”* (15:10) – Deuteronômio 32:43; (2) *“E ainda: Louvai ao Senhor, todos os gentios, e louvem-no, todos os povos”* (15:11) – Salmos 117:1; (3) *“E outra vez, diz também Isaías: Haverá a raiz de Jessé, aquele que se levanta para reger os gentios; nele os gentios esperarão”* (15:12) – Isaías 11:10.

Além demonstrar interesse pessoal pelos seus leitores (15:13-24), Paulo ministra à igreja de Roma, fala do seu desejo de estar pessoalmente

com eles, e espera que o ajudem a levar o Evangelho até a Espanha. Não obstante ser a primeira tentativa de visitar Roma, Paulo já tinha muitos amigos ali, os quais tratava de irmãos. Ele escreveu: *“Rogo-vos, irmãos, por nosso Senhor Jesus Cristo e pelo amor do Espírito, ... a fim de que, pela vontade de Deus, eu chegue até vós com alegria, e possa recrear-me convosco”* (15:30a, 32).

O apóstolo Paulo não podia encerrar sua epístola sem alertar os irmãos contra aqueles que promovem divisões, escândalos e distorções do ensino bíblico. *“Rogo-vos, irmãos, que noteis os que promovem dissensões e escândalos contra a doutrina que aprendestes; desviái-vos deles. Porque os tais não servem a Cristo nosso Senhor, mas ao seu ventre; e com palavras suaves e lisonjas enganam os corações dos inocentes”* (16:17,18). O apóstolo apresenta duas formas de evitá-los: obediência e fé (16:19). Os últimos três versículos da Epístola aos Romanos são uma doxologia, isto é, um hino de louvor a Deus.

*“Ora, àquele que é poderoso para vos confirmar, segundo o meu evangelho e a pregação de Jesus Cristo, conforme a revelação do mistério guardado em silêncio desde os tempos eternos, mas agora manifesto e, por meio das Escrituras proféticas, segundo o mandamento do Deus, eterno, dado a conhecer a todas as nações para obediência da fé; ao único Deus sábio seja dada glória por Jesus Cristo para todo o sempre”. Amém.*

**EXERCÍCIO**

1. \_\_\_\_ O capítulo 9 de Romanos fala sobre a rejeição de Israel ao Evangelho.
2. \_\_\_\_ “Vasos de ira” referem-se àqueles que pela prática do pecado, estão se preparando para a perdição.
3. \_\_\_\_ “Irmãos, o bom desejo do meu coração e a minha súplica a Deus por Israel é para sua salvação” (Rm 10:1) – disse o apóstolo Pedro.
4. \_\_\_\_ Os judeus não se sujeitaram à justiça de Deus.
5. \_\_\_\_ A Lei fora dada a Israel para levar o povo à graça salvadora pela fé.
6. \_\_\_\_ Dons são capacidades específicas concedidas a cada um pelo Espírito Santo para um serviço.
7. \_\_\_\_ O crente não deve deixar de pagar os impostos.
8. \_\_\_\_ O amor não faz mal ao próximo.

Epistola Paulinas I



# CAPÍTULO 4



Livro de Gálatas



# A Liberdade Cristã

**A** Epístola de Gálatas representa nosso alvará para a liberdade cristã. Esta tão profunda carta proclama à realidade da nossa liberdade em Cristo – livres da Lei e do poder do pecado para servir a Jesus. Ela foi escrita para os judeus cristãos da Galácia, que lutavam contra uma dupla identidade: as tradições judaicas, que os obrigava a ser rígidos seguidores da Lei de Moisés; e a recém-encontrada fé em Jesus que os convidava a celebrar uma santa liberdade. Além disso, viviam em controvérsia com os cristãos gentios, pois, discutiam como eles podiam fazer parte do Reino do Céu. Tudo isso dividida a igreja primitiva. Um outro grupo, os judaizantes - uma facção de judeus extremistas dentro da igreja – ensinavam que os cristãos gentios eram obrigados a obedecer às leis e tradições judaicas. O livro de Gálatas foi escrito para refutar esses judaizantes e levar os cristãos a viverem o Evangelho puro e original onde as Boas-Novas são igualmente para todos, sem distinção.

## O Autor

Paulo escreveu esta epístola as igrejas da Galácia. As autoridades no assunto declaram que os gálatas eram gauleses oriundos do Norte da Galácia e que, mais tarde, parte deles emigrou para o Sul da Europa, de cujo território a França de hoje faz parte. É muito mais provável que Paulo haja escrito esta epístola às igrejas do Sul da província da Galácia (Antioquia da Isídia, Icônio, Listra, Derbe), onde ele e Barnabé evangelizaram e estabele-

leceram igrejas durante a primeira viagem missionária (At. 13,14). A data mais provável da carta (49 d.C. ou 50 d.C.) situa-se logo após o regresso de Paulo à igreja que o enviou – Antioquia da Síria, e pouco antes do Concílio de Jerusalém (At. 15).

## O Tema

Esta epístola demonstra que o crente já não está debaixo da Lei, mas é salvo pela fé somente. Essa Lei é parte da Palavra de Deus que se encontra nos primeiros cinco livros de Moisés e servia de orientação para todos os aspectos da vida de Israel. Sendo assim, o tema desta epístola é a “Salvação pela graça mediante a fé”. Paulo escreve à igreja na Galácia devido a certos judaizantes estarem inquietando a vida dos novos convertidos, impondo-lhes o jugo da Lei mosaica como requisitos necessários à salvação e ao ingresso na igreja. Resumindo, ele escreve: (1) para defender sua autoridade como apóstolo; (2) para definir, explicar e comprovar a mensagem do Evangelho; (3) para aplicar a mensagem do Evangelho à vida cristã diária. O assunto principal de Gálatas é o mesmo debatido e resolvido no Concílio de Jerusalém.

## Saudações (Gl. 1:1-10)

*“Paulo, apóstolo (não da parte dos homens, nem por intermédio de homem algum, mas sim por Jesus Cristo, e por Deus Pai, que o ressuscitou dentre os mortos), e todos os irmãos que estão comigo, às igrejas da Galácia” (1:1,2).* Esta é a única vez em todos os escritos, que Paulo não expressa seus agradecimentos na saudação. É a única igreja de que não pede orações. Como podia fazê-lo, se eles estavam desonrando o Senhor? Paulo admira-se de que esses novos crentes, tão cedo, tivessem abandonado o Evangelho da liberdade para aceitar a mensagem judaica. Logo nesses primeiros versículos ele por duas vezes lança maldição sobre os causadores do problema. *“Mas, ainda que nós mesmos ou um anjo do céu vos pregasse outro evangelho além do que já vos pregamos, seja anátema. Como antes temos dito, assim agora novamente o digo: Se alguém vos pregar outro evangelho além do que já recebestes, seja anátema” (1:8,9).*



## Paulo defende o seu apostolado (1:11-2:21)

O ensino de Paulo tinha a aprovação do próprio Deus. Ele prova que recebeu o Evangelho diretamente do Senhor. Pois só Deus poderia tê-lo transformado de homicida em um pregador. Após sua conversão, Paulo não consultou a ninguém sobre o que deveria pregar, apenas, retirou-se para o deserto da Arábia por três anos e ali ouviu a Deus. Esteve apenas quinze dias com Pedro e Tiago, por isso não poderia ter aprendido muita coisa com eles. *“Mas façam-vos saber, irmãos, que o evangelho que por mim foi anunciado não é segundo os homens; porque não o recebi de homem algum, nem me foi ensinado; mas o recebi por revelação de Jesus Cristo. Mas, quando aprouve a Deus, que desde o ventre de minha mãe me separou, e me chamou pela sua graça, revelar seu Filho em mim, para que eu o pregasse entre os gentios, não consultei carne e sangue, nem subi a Jerusalém para estar com os que já antes de mim eram apóstolos, mas parti para a Arábia, e voltei outra vez a Damasco”* (1: 12, 13, 15-17). Antes de Paulo nascer, Deus já o tinha escolhido para uma obra especial: levar ao Evangelho ao mundo. Nos versículos 15,16 acima, Paulo nos mostra dois atos principais de Deus, seguidos de dois propósitos, também divinos: um propósito imediato e um remoto. Vejamos:

- Primeiro Ato: Deus separou-me desde o ventre de minha mãe
- Segundo ato: Chamou-me pela graça
- Propósito imediato: Para revelar-me Seu Filho
- Propósito remoto: Para que pregasse o Evangelho entre os gentios

Nos versículos 18 a 24, deste capítulo 1, consta tudo o que Paulo fez logo após a sua conversão. Ele não foi ter com os apóstolos em Jerusalém para saber o que devia pregar ou onde devia anunciar a Jesus. Deus lhe chamara e lhe dera a direção.

Porém os judaizantes tentavam convencê-lo de que o Evangelho que ele pregava, não era real. Paulo refuta essa idéia contando aos gálatas, o que lhe acontecera quando se encontrava em Jerusalém diante dos dois principais responsáveis pela igreja (1:18,19). Se ele pregasse um falso Evangelho, Pedro e Tiago, tê-lo-iam corrigido. A verdade é que não temos qualquer relato de problema ocorrido nesse sentido; pelo contrário, há um registro de Paulo ser sempre bem recebido em todas as igrejas da Judéia,

onde se ouvia dizer: “...*Aquele que outrora nos perseguia agora prega a fé que antes procurava destruir*” (1:23).

No capítulo 2, Paulo continua a defesa do seu chamado com argumentos históricos, lembrando que o Evangelho que pregava fora aceito pelos líderes da Igreja de Jerusalém. Nos versículos 1 e 2, Paulo refere-se à visita que fez a Jerusalém, mais ou menos, 14 anos após a sua conversão. “...*para que de algum modo não estivesse correndo ou não tivesse corrido em vão*” (2:2). Isto mostra que o resultado de todo o trabalho ministerial realizado ali em meio a grandes dificuldades, estava agora em perigo de ficar reduzido a nada por causa de falsas doutrinas. Por isso Paulo sentiu ser necessário reunir-se com os principais dirigentes da igreja judaica em Jerusalém – ele diz que subiu a Jerusalém, por uma revelação divina.

O encontro dele com os apóstolos responsáveis pela igreja foi o reconhecimento e prova definitiva de haver um único Evangelho pregado não somente em Jerusalém (entre os judeus), mas também em Antioquia (entre os gentios) (2:6-10). Entre os líderes da igreja estavam Tiago, Pedro e João (este Tiago aqui mencionado é o meio-irmão de Jesus, pastor da igreja de Jerusalém e autor da epístola com seu nome).

Os apóstolos reconheceram que Deus concedera a Paulo um ministério especial o da incircuncisão (aos gentios) e de igual modo concedeu a Pedro o ministério da circuncisão (aos judeus). Em vista desse fato, os responsáveis pela Igreja em Jerusalém aprovaram o Evangelho de Paulo e reconheceram o seu apostolado como concedido por Deus. “*E quando conheceram a graça que me fora dada, (...)deram a mim e a Barnabé as destras de comunhão, para que nós fôssemos aos gentios, e eles à circuncisão*” (2:9).

A partir dos versículos 11 a 21, Paulo salienta como repreendeu a Pedro por causa do Evangelho. Pedro foi quem primeiro proclamou o Evangelho aos judeus. Foi também o primeiro a ver o derramamento do Espírito Santo sobre os gentios. Deus havia revelado a ele que os gentios careciam da graça divina. Portanto, ele não deveria considerar impuro o que Deus purificara. Qual a queixa de Paulo contra Pedro em 2:12,13? De separar-se dos cristãos gentios. O problema exigia uma ação imediata e corretiva. “*Mas, quando vi que não andavam retamente conforme a verdade do evangelho, disse a Cefas perante todos: Se tu, sendo judeu,*

*vives como os gentios, e não como os judeus, como é que obrigas os gentios a viverem como judeus? Nós, judeus por natureza e não pecadores dentre os gentios, sabendo, contudo, que o homem não é justificado por obras da lei, mas sim, pela fé em Cristo Jesus,...*” (2:14-16).

No versículo 17, Paulo afirma que ele seria um grande pecador se voltasse a confiar na Lei para a salvação. Ele continua afirmando: *Porque, se torno a edificar aquilo que destruí, constituo-me a mim mesmo transgressor. Pois eu pela lei morri para a lei, a fim de viver para Deus*” (2:18,19).

Paulo termina sua grande defesa com uma palavra pessoal de testemunho que nos dá um quadro completo da vida cristã do ponto de vista positivo e negativo. *“Já estou crucificado com Cristo; e vivo, não mais eu, mas Cristo vive em mim; e a vida que agora vivo na carne, vivo-a na fé no filho de Deus, o qual me amou, e se entregou a si mesmo por mim*” (2:20). A vida diária é um morrer diário, para o eu e o pecado. Paulo sabia disso e vivia pela graça de Deus.

## **Paulo defende a liberdade do Evangelho – A doutrina (3:1-4:31)**

Esta parte da epístola de Gálatas, é muitas vezes chamada de “Argumento da Escritura sobre o Evangelho da fé”. Paulo faz uso de algumas citações do Antigo Testamento em defesa do Evangelho. Ele usa dessas citações por duas razões: primeira, um judeu usaria as Escrituras para base de um argumento; e a segunda, porque seus oponentes provavelmente já teriam usado as Escrituras para provar seus falsos argumentos.

Paulo, no capítulo 3, defende o Evangelho de Cristo. Ele descreve sua própria pregação como tendo apresentado a cruz tão completamente que é como se eles tivessem visto a Cristo crucificado no meio deles. Ele mostra o que a Lei não pôde fazer, mas o que a graça faz. Paulo lança uma pergunta desafiadora a esses gálatas insensatos: *“Ó insensatos gálatas! Quem vos fascinou a vós, ante cujos olhos foi representado Jesus Cristo como crucificado?”* (3:1). “Por acaso vocês receberam o Espírito Santo pelas obras da Lei ou pela pregação do Evangelho?” (3:2). Esta pergunta era um desafio, porque a própria experiência deles comprovava a verdade da pregação de Paulo. “Podem vocês dizerem que receberam o Espírito Santo porque guardaram a Lei?”. Não. Ninguém já ouviu tal coisa. Paulo acrescenta: *“Mas logo*

*que veio o Evangelho, vocês receberam o Espírito Santo simplesmente por ouvir com fé” (3:5). Anteriormente, Paulo argumentou através de sua experiência. Agora, aponta aos gálatas a própria experiência espiritual deles. Credo no que ouviram, tinham experimentado a salvação. Eles haviam começado a vida no Espírito, entretanto agora tentavam aperfeiçoá-la segundo seus próprios esforços (pela carne).*

Paulo mostra aos gálatas que o Evangelho da fé por eles recebido é o mesmo que fora dado aos judeus desde Abraão. Abraão gozava de alto conceito entre os homens por causa da sua vida reta, mas à vista de Deus ele era pecador condenado. Ele foi justificado na base da sua fé e não das suas obras. Se a fé sem obras foi suficiente para Abraão, por que haveríamos de trocar a fé pela Lei? *“Abraão, creu em Deus, e isso lhe foi imputado para justiça” (3:6).*

Deve ter causado grande espanto aos orgulhosos e perturbadores judeus ouvirem Paulo dizer que os verdadeiros filhos de Abraão não eram os nascidos da sua carne e sangue, e sim aqueles que criam em Jesus Cristo. Embora nascidos na obscuridade, todos podem, graças ao novo nascimento, sentar-se com Abraão, como filhos. *“Ora, a Escritura, prevendo que Deus havia de justificar pela fé os gentios, anunciou previamente a boa nova a Abraão, dizendo: Em ti serão abençoadas todas as nações. De modo que os que são da fé são abençoados com o crente Abraão” (3:8,9).*

Nos versículos 10 ao 18, Paulo faz uma relação entre o Evangelho e a Lei. *“Pois todos quantos são das obras da lei estão debaixo da maldição; porque escrito está: Maldito todo aquele que não permanece em todas as coisas que estão escritas no livro da lei, para fazê-las” (3:10).* A Lei não pode oferecer justiça, porém traz a morte sobre todos os que não a observam. Ela exige obediência perfeita. Visto que tinham quebrado a Lei, todos se achavam debaixo da sua maldição. Mas *“Cristo nos resgatou da maldição da lei, fazendo-se maldição por nós... para que aos gentios viesse a bênção de Abraão em Jesus Cristo, a fim de que nós recebêssemos pela fé a promessa do Espírito” (3:13,14).*

Paulo nos versículos de 19 a 24 trata das seguintes perguntas: *“Qual, pois, a razão de ser da Lei? De que modo ela se encaixa no plano redentor de Deus?. A Lei foi dada para refrear a natureza humana caída. Os mandamentos de Deus acompanhados de certa punição, restringiam as*

más ações dos homens. A Lei tinha limite “até que viesse o descendente (Cristo)” (3:19). É a Lei, então, contra as promessas de Deus? Estará ela em conflito com o Evangelho da graça? “*De modo nenhum*” (3:21). O alvo da Lei era mostrar o erro e conduzir à salvação pela fé em Cristo, pois a promessa fora dada aos crentes (3:22).

“*Mas, depois que veio a fé, já não estamos debaixo de aio. Pois todos sois filhos de Deus pela fé em Cristo Jesus*” (3:25,26). O crente justificado é um membro da família de Deus. Ser filhos de Deus significa uma nova vida e um relacionamento íntimo com Ele. “*Porque todos quantos fostes batizados em Cristo vos revestistes de Cristo*” (3:27). Todos se aproximam de Deus na mesma base: a fé em Cristo, sem distinção de posição, nacionalidade, cultura e sexo. “*Não há judeu nem grego; não há escravo nem livre; não há homem nem mulher; porque todos vós sois um em Cristo Jesus*” (3:28).

Em Gálatas 4, Paulo continua a desenvolver os pontos doutrinários apresentados no capítulo anterior. Ele descreve a Lei como sendo nosso tutor (4:1,2). Enquanto o herdeiro é menor de idade, não há nenhuma diferença entre ele e um escravo, porque ele está sob o controle de um tutor. Assim Paulo nos mostra em Gálatas 4:5,6, que todos os crentes são filhos de Deus, mas nem todos são filhos adultos.

“*Para resgatar os que estavam debaixo da lei, a fim de recebermos a adoção de filhos. E, porque sois filhos, Deus enviou aos nossos corações o Espírito de seu Filho, que clama: Aba, Pai*”. “Adoção” é um termo da lei romana que significa colocar uma pessoa na posição legal de filho. Isso pode acontecer pelo recebimento de alguém que não pertence à família por nascimento, ou pelo ato legal do reconhecimento da sua maioridade. Jesus veio nos remir para que não mais fôssemos escravos, debaixo da Lei, mas possuíssemos todos os privilégios de filhos adultos e herdeiros (3:7).

“*Agora, porém, que já conheceis a Deus, ou, melhor, sendo conhecidos por Deus, como tornais outra vez a esses rudimentos fracos e pobres, aos quais de novo quereis servir?*” (4:9). Paulo roga aos gálatas que não abandonem o Evangelho. Ele os exorta a livrarem-se do jugo da Lei como ele havia feito.

“*E aquilo que na minha carne era para vós uma tentação, não o desprezastes nem o repelistes, antes me recebestes como a um anjo de Deus, mesmo como a Cristo Jesus. Onde está, pois, aquela vossa satisfação?*”

*Porque vos dou testemunho de que, se possível fora, teríeis arrancado os vossos olhos, e mos teríeis dado. Tornei-me acaso vosso inimigo, porque vos disse a verdade?”* (4:14-16). Paulo fica surpreso com o fato de que os gálatas, que o haviam recebido calorosamente e o suportado em momento difícil, agora se voltassem contra ele.

Nos versículos 21 a 31, do capítulo 4, ele retorna ao Antigo Testamento. Ele usa outro exemplo: *“Porque está escrito que Abraão teve dois filhos, um da escrava, e outro da livre. Todavia o que era da escrava nasceu segundo a carne, mas, o que era da livre, por promessa”* (4:22,23). Ismael não gozou as bênçãos de filho no lar de Abraão. Mas, Isaque o filho da promessa e da fé, foi o herdeiro de tudo. Paulo compara os judeus que estão sob o concerto da Lei, a Ismael e seus descendentes. Era essa a situação das igrejas da Galácia. Quando Paulo diz *“mas a Jerusalém lá de cima é livre, a qual é nossa mãe”*, está declarando aos gálatas que, tanto os judeus como os gentios que recebem a Jesus como seu Salvador, experimentam o renascimento espiritual e passam a ser filhos da promessa.

## **Paulo defende a liberdade do Evangelho – A Prática (Gl. 5:1-6:18).**

Nestes capítulos, Paulo apresenta o que para alguns consiste no mais poderoso de todos os argumentos para aniquilar o falso ensino dos judaizantes – o argumento moral. Ele mostra que o Evangelho produz em todos quantos o aceitam uma total transformação interior.

Paulo já provou pelas Escrituras nos capítulos anteriores, que somos filhos livres, nascidos do Espírito e temos herança junto com Cristo. Por isso, *“não vos dobreis novamente a um jugo de escravidão”* (5:1).

A Lei, como meio de salvação, pode resultar em servidão ou embaraço. *“Eis que eu, Paulo, vos digo que, se vos deixardes circuncidar, Cristo de nada vos aproveitará”* (5:2). Paulo não era contra a circuncisão em si, mas sim contra o ensino de que ela era necessária à salvação. Ele considera caído da graça àquele que procura circuncidar-se para poder se salvar (5:4).

*“Porque vós, irmãos, fostes chamados à liberdade. Mas não useis da liberdade para dar ocasião à carne, antes pelo amor servi-vos uns aos*

*outros*” (5:13). Paulo, a partir do versículo 13 até o 21, retorna às duas forças mestras da vida e da liberdade cristã: o Espírito Santo e o Amor de Deus. Neste versículo 13, ele apresenta duas realidades opostas: 1º) dar ocasião à carne; 2º) ser servos uns dos outros. Ele complementa logo a seguir: *“Se vós, porém, vos mordeis e devorais uns aos outros, vede não vos consumais uns aos outros. Digo, porém: Andai pelo Espírito, e não haveis de cumprir a cobiça da carne. Porque a carne luta contra o Espírito, e o Espírito contra a carne; e estes se opõem um ao outro, para que não façais o que quereis. Mas, se sois guiados pelo Espírito, não estais debaixo da lei”* (5:16-18).

O campo de batalha está no próprio cristão. Esta batalha resulta ou numa completa submissão às más inclinações da carne ou numa submissão à vontade do Espírito Santo. Se a carne prevalece, então, se manifestarão as suas obras: *“a prostituição, a impureza, a lascívia, a idolatria, a feitiçaria, as inimizades, as contendas, os ciúmes, as iras, as facções, as dissensões, os partidos, as invejas, as bebedices, as orgias, e coisas semelhantes a estas, contra as quais vos previno, como já antes vos preveni, que os que tais coisas praticam não herdarão o reino de Deus”* (5:19-21).

Mas se a escolha foi se submeter à vontade do Espírito Santo, se manifestará o fruto do Espírito: *“o amor, o gozo, a paz, a longanimidade, a benignidade, a bondade, a fidelidade, a mansidão, o domínio próprio; contra estas coisas não há lei”* (5:22,23). Paulo conclui: *“Se vivemos pelo Espírito, andemos também pelo Espírito”* (5:25).

No capítulo 6, Paulo cita algumas aplicações importantes do Evangelho para a vida diária do crente, acompanhe.

1º) *“Irmãos, se um homem chegar a ser surpreendido em algum delito, vós que sois espirituais corrigi o tal com espírito de mansidão; e olha por ti mesmo, para que também tu não sejas tentado”* (6:1). Paulo instrui os gálatas que permaneçam espirituais e ajudem os que foram surpreendidos em alguma falta, mas, com mansidão.

2º) *“Levai as cargas uns dos outros, e assim cumprireis a lei de Cristo”* (6:2). A palavra *carga* refere-se àquilo que oprime espiritualmente um homem, levando-o à derrota. É muito difícil uma pessoa sozinha conseguir se libertar.

3º) *“Pois, se alguém pensa ser alguma coisa, não sendo nada, enga-*



*na-se a si mesmo*” (6:3). O cristão deve medir a sua conduta pelo padrão bíblico. O crente não deve medir-se ou comparar-se com quem quer que seja.

4º) *“Porque cada qual levará o seu próprio fardo”* (6:5). O cristão deve manter suas vidas em pureza. Carregará cada um as conseqüências dos seus atos errados.

5º) *“E o que está sendo instruído na palavra, faça participante em todas as boas coisas aquele que o instrui”* (6:6). Essas palavras ensinam que se deve manter uma união ativa e simpática entre as congregações e seus ministros. A referência primária, naturalmente, é ao sustento financeiro. Essas palavras, porém, devem ser aplicadas, num sentido mais elevado, ao apoio espiritual.

6º) *“Não vos enganeis; Deus não se deixa escarnecer; pois tudo o que o homem semear, isso também ceifará. Porque quem semeia na sua carne, da carne ceifará a corrupção; mas quem semeia no Espírito, do Espírito ceifará a vida eterna”* (6:7,8). Quando os homens praticam o mal e imaginam que Deus não verá; quando vivem para o eu-próprio e esperam as glórias do Céu, estão meramente enganando a si mesmos e rejeitando as reivindicações de Deus com zombaria. Semear na carne significa viver à busca da nossa gratificação própria, e ser movido por motivos baixos e mundanos. Porém, semear no Espírito, ou seja, viver para Deus, o resultado será a vida eterna. Cada ato feito para o Senhor, por pequeno que seja e por menos atenção que tenha recebido, produzirá no futuro uma ceifa que nos surpreenderá.

7º) *“E não nos cansemos de fazer o bem, porque a seu tempo ceifaremos, se não houvermos desfalecido. Então, enquanto temos oportunidade, façamos bem a todos, mas principalmente aos domésticos da fé”* (6:9,10). O caminho da prática do bem nem sempre é liso; sempre haverá dificuldades para nos desencorajar e nos levar a pensar que não vale a pena. Não podemos escapar à tentação de nos cansarmos na prática do bem. O que podemos fazer, no entanto, é recusarmos nos submeter à tentação, lembrando-nos do decreto que, toda bondade receberá a sua recompensa. A benevolência cristã não reconhece nenhuma limitação de nacionalidade, de credo, de posição social; o próximo do cristão é qualquer pessoa necessitada que esteja dentro do alcance da sua ajuda.

8º) Evitem os ensinadores falsos! (6:11-13). O verso 11 pode ser



traduzido: “vejam quão grandes letras faço quando escrevo de próprio punho!”. Paulo normalmente ditava as suas cartas a um secretário, mas nesse caso estava tão perturbado com a condição dos gálatas que escreveu de próprio punho, e em letras grandes, para enfatizar o que escrevia. Ele desmascara o caráter e os motivos dos judaizantes. Eles eram: (1) carnais – *“Todos os que querem ostentar boa aparência na carne, esses vos obrigam a circuncidar-vos”* (6:12); (2) covardes – *“...somente para não serem perseguidos por causa da cruz de Cristo”* (6:12); (3) hipócritas – *“Porque nem ainda esses mesmos que se circuncidam guardam a lei”* (6:13); (4) vaidosos – *“...querem que vos circuncideis, para se gloriarem na vossa carne”* (6:13).

9º) Firmem-se na Cruz! (6:14). *“Mas longe esteja de mim gloriarme, a não ser na cruz de nosso Senhor Jesus Cristo”*. O efeito da cruz na vida de Paulo: *“...pela qual o mundo está crucificado para mim e eu para o mundo”*. O mundo nos considera como mortos, do ponto de vista dele. A cruz de Cristo destruiu o relacionamento entre o mundo e o crente. O mundo considera que já não é seu, e odeia-o a ponto de persegui-lo.

10º) Fiquem seguros nas coisas fundamentais! (6:15-17). Paulo declara: *“Pois nem a circuncisão nem a incircuncisão é coisa alguma, mas sim o ser uma nova criatura”*. O aspecto principal na vida cristã é uma mudança de coração, que produz mudança de vida, com novos desejos, novos princípios, novas afeições, novas esperanças, novas virtudes. *“E a todos quantos andarem conforme esta norma, paz e misericórdia sejam sobre eles e sobre o Israel de Deus”* (6:16). Essa bênção de Paulo é para todos nós. *“Daqui em diante ninguém me moleste; porque eu trago no meu corpo as marcas de Jesus”*. Paulo faz um pedido: que ninguém acrescente os seus fardos, contradizendo a doutrina e negando a sua posição como apóstolo. O sofrimento do apóstolo mostrava que ele era um verdadeiro escravo de Jesus.

Paulo termina essa epístola dizendo: *“A graça de nosso Senhor Jesus Cristo seja, irmãos, com o vosso espírito”*. Amém.

**EXERCÍCIO**

1. \_\_\_\_ “A salvação pela graça mediante a fé”, é o tema do livro de Gálatas.
2. \_\_\_\_ Os cristãos judeus da Galácia estavam tendo problemas por causa da dupla identidade, após a conversão.
3. \_\_\_\_ Os apóstolos não reconheceram que Paulo recebera um ministério especial, o da incircuncisão.
4. \_\_\_\_ Paulo, no capítulo 2 de Gálatas, termina sua defesa dizendo: “E vivo, não mais eu, mas Cristo vive em mim”.
5. \_\_\_\_ Abraão foi justificado pela sua fé e não por suas obras.
6. \_\_\_\_ Paulo comparou os judeus que estavam sob a Lei, a Ismael, o filho da escrava.
7. \_\_\_\_ A Lei como meio de salvação pode resultar em servidão ou embaraço.
8. \_\_\_\_ Paulo, no capítulo 6, chama os judaizantes de: carnais, covardes, hipócritas e vaidosos.

## BIBLIOGRAFIA

- 📖 Bíblia de Aplicação Pessoal
- 📖 Bíblia de Estudo Pentecostal
- 📖 Epístolas Paulinas. Myer Pearlman. CPAD.
- 📖 EETAD – Família Cristã
- 📖 Estudo Panorâmico da Bíblia. Henrietta C. Mears. Ed. Vida.
- 📖 Romanos — A Graça cumpre a Lei — Coleção: A Bíblia Toda nº 40. Francisco Mancebo Reis. Ed. Horizontal.

**GABARITO DOS EXERCÍCIOS**

	<b>lição 1</b>	<b>lição 2</b>	<b>lição 3</b>	<b>lição 4</b>
<b>1</b>	<b>E</b>	<b>C</b>	<b>C</b>	<b>C</b>
<b>2</b>	<b>C</b>	<b>E</b>	<b>C</b>	<b>C</b>
<b>3</b>	<b>E</b>	<b>C</b>	<b>E</b>	<b>E</b>
<b>4</b>	<b>C</b>	<b>C</b>	<b>C</b>	<b>C</b>
<b>5</b>	<b>C</b>	<b>C</b>	<b>C</b>	<b>C</b>
<b>6</b>	<b>C</b>	<b>E</b>	<b>C</b>	<b>C</b>
<b>7</b>	<b>E</b>	<b>C</b>	<b>C</b>	<b>C</b>
<b>8</b>	<b>C</b>	<b>C</b>	<b>C</b>	<b>C</b>

## **Seminário Evangélico Para Aperfeiçoamento de Discípulos e Obreiros do Reino - SEMEADOR**

### **Programa Curricular**

<b>LIVRO 1</b>	Doutrina da Salvação
<b>LIVRO 2</b>	Pentateuco
<b>LIVRO 3</b>	Louvor e Adoração
<b>LIVRO 4</b>	Os Evangelhos
<b>LIVRO 5</b>	Livro de Atos
<b>LIVRO 6</b>	História da Igreja
<b>LIVRO 7</b>	Família Cristã
<b>LIVRO 8</b>	Epístolas aos Hebreus
<b>LIVRO 9</b>	Cura e Libertação
<b>LIVRO 10</b>	Aconselhamento Cristão
<b>LIVRO 11</b>	Oração Intercessória
<b>LIVRO 12</b>	Epístolas Paulinas 1
<b>LIVRO 13</b>	Epístolas Paulinas 2
<b>LIVRO 14</b>	Epístolas Paulinas 3
<b>LIVRO 15</b>	Homilética
<b>LIVRO 16</b>	Espírito Santo
<b>LIVRO 17</b>	Cristologia
<b>LIVRO 18</b>	Princípios da Hermenêutica
<b>LIVRO 19</b>	Escatologia Bíblica
<b>LIVRO 20</b>	As Epístolas Gerais
<b>LIVRO 21</b>	Criação e o Mundo Espiritual
<b>LIVRO 22</b>	História de Israel
<b>LIVRO 23</b>	Seitas e Heresias
<b>LIVRO 24</b>	Profetas Maiores
<b>LIVRO 25</b>	Profetas Menores
<b>LIVRO 26</b>	Batalha Espiritual
<b>LIVRO 27</b>	Discipulado Prático